

ANÁLISE HISTÓRICA DA PRODUÇÃO CIENTÍFICA NA REVISTA OIKOS: ECONOMIA DOMÉSTICA, HISTÓRIA E MEMÓRIA

HISTORICAL ANALYSIS OF SCIENTIFIC PRODUCTION IN OIKOS MAGAZINE: DOMESTIC ECONOMY, HISTORY AND MEMORY

ANÁLISIS HISTÓRICO DE PRODUCCIÓN CIENTÍFICA EN REVISTA OIKOS: ECONOMÍA DOMÉSTICA, HISTORIA Y MEMORIA

José Carlos do Amaral Junior¹

Resumo

Esse artigo teve como objetivo central analisar a produção científica publicada pela Revista Oikos no período de 1981 a 2021. Metodologicamente, os artigos foram categorizados segundo classificação adotada em estudo anterior. Foi possível perceber pelo menos três períodos em que os artigos podem ser condensados: um primeiro (1981-1993) de alta concentração em torno dos componentes técnicos, como alimentação e nutrição; um segundo (1994-2002) em que há dispersão desses elementos e concentração em torno dos conteúdos de economia familiar e desenvolvimento humano e social; e um terceiro (2003-atual) em que há um reordenamento geral da produção para áreas específicas das ciências humanas e sociais, em especial aquelas ligadas às políticas públicas. A análise da Revista Oikos indica semelhanças com a trajetória da Economia Doméstica, mas também divergências importantes relacionadas ao contexto nacional.

Palavras-chave: Economia Doméstica. História. Memória.

Abstract

This article had as its main objective to analyze the scientific production published by Oikos Magazine, from 1981 to 2021. Methodologically, the articles were categorized according to the classification adopted in a previous study. It was possible to notice at least three periods in which the articles can be condensed: the first one (1981-1993) of high concentration around technical components, such as food and nutrition; the second (1994-2002) in which these elements are dispersed and concentrated around the contents of family economy and human and social development; and the third (2003-present) in which there is a general reorganization of production for specific areas of the human and social sciences, especially those linked to public policies. The Oikos Magazines analysis indicates similarities with the trajectory of USA Home Economics, but also important divergences related to the Brazilian context.

Keywords: Home Economics. History. Memory.

Resumen

Este artículo tuvo como principal objetivo analizar la producción científica publicada por la Revista Oikos de 1981 a 2021. Metodológicamente, los artículos fueron categorizados según la clasificación adoptada en un estudio previo. Se pudieron notar al menos tres períodos en los que se pueden condensar los artículos: un primero (1981-1993) de alta concentración en torno a componentes técnicos, como alimentación y nutrición; un segundo (1994-2002) en el que hay dispersión de estos elementos y concentración en torno a los contenidos de la economía familiar y el desarrollo humano y social; y un tercero (2003-presente) en el que se produce una reorganización generalizada de la producción para áreas específicas de las ciencias humanas y sociales, especialmente las vinculadas a las políticas públicas. El análisis de la Revista Oikos indica similitudes con la trayectoria de la Economía Doméstica americana, pero también importantes divergencias relacionadas con el contexto nacional.

Palabras clave: Economía Doméstica. Historia. Memoria.

¹ Doutor em Memória: Linguagem e Sociedade (UESB). Pós-doutorando em Serviço Social e Políticas Públicas (UEL). E-mail: jcamaral1987@gmail.com. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-9983-4181>

INTRODUÇÃO

Definir a Economia Doméstica é uma tarefa difícil, especialmente pelo processo de sua constituição histórica enquanto uma instituição pedagógica². Sua origem remonta aos Estados Unidos da América de meados do século XIX, enquanto um agrupamento teórico-ideológico de uma série de avanços em distintas áreas do conhecimento, que eram naquele momento reivindicadas para a aplicação prática também no ambiente doméstico.

Já demonstramos anteriormente³ todo o percurso histórico de formação da Economia Doméstica, que se iniciou por volta de 1850 com tratados e publicações difusas, institucionalizando-se no ensino formal a partir de 1862 com a promulgação do *Morril Act*, e posteriormente remodelando-se na virada do século XX para assumir um caráter mais científico e intervencionista. Da *Domestic Economy* à *Home Economics* há quatro décadas de adensamento histórico que vão lentamente, ao lado de outros processos sociais, reestruturar a Economia Doméstica nos moldes em que foi difundida no Brasil quase um século depois de sua origem.

O formato brasileiro de Economia Doméstica, embora importado dos EUA, foi construído sobre um hibridismo das distintas experiências estadunidenses, agrupando elementos que remetiam à versão “extensionista” presente nos *Land-Grant Colleges* e à proposta científica de uma Ciência Doméstica, criada e difundida principalmente pelas mulheres atuantes na *Lake Placid Conference*, sob o comando de Ellen Richards (AMARAL JUNIOR, 2020a). No Brasil, o principal objetivo era dar suporte à política de extensão rural recentemente implementada, cujas profissionais de Economia Doméstica eram parte fundamental, visto que tal política também seguia as premissas da experiência dos EUA.

A trajetória da Economia Doméstica no Brasil, no entanto, guarda outras particularidades. A primeira delas diz respeito ao fato de, no momento de sua implantação para atender a demanda extensionista brasileira, a área já se encontrar em pleno declínio e retração nos EUA (AMARAL JUNIOR, 2020a). Está também demonstrado nesse estudo como a partir da Segunda Guerra Mundial a área foi amplamente desencorajada em solo estadunidense, restando poucas instituições - geralmente nos territórios dos tradicionais *Land-Grant Colleges* - que lentamente modificaram a estrutura e nomenclatura de seus cursos. A segunda delas está relacionada com o fato de, como demonstra Oliveira (2006), a Economia Doméstica não ser necessariamente uma novidade da década de 1950 no Brasil, visto que experiências prévias

² Adotando aqui a definição de Cury (1989).

³ Ver Amaral Junior (2020a).

são documentadas no país desde 1909. No entanto, essas foram experiências pontuais e pouco populares, e a Economia Doméstica só se popularizaria em seu modelo brasileiro a partir do forte impulso da atividade extensionista, mas encontrando também um cenário de reformas educacionais favoráveis que ocorreram a partir da Era Vargas (AMARAL JUNIOR, 2020a).

Essas particularidades permitem concluir que o projeto brasileiro de Economia Doméstica precisou lidar, conforme seu tempo, com exigências específicas que influenciaram toda sua trajetória de existência, principalmente considerando seu formato de ensino superior e formação de profissionais credenciados para exercer legalmente a profissão. Conturbada desde sua implantação, conforme demonstra Lopes (1995), e experimentando um crescimento animador por pouco mais de uma década, segundo aponta Pinheiro (2016), o desenvolvimento da Economia Doméstica por cerca de sessenta anos no Brasil é marcado por contradições, conflitos, conquistas e rupturas.

Com a mudança de modelo extensionista para o difusionismo-produtivista, a área passou a ter cada vez menos espaço nas agências de extensão, cessando assim seu principal campo ocupacional no mercado de trabalho brasileiro (PINHEIRO, 2016). Esse cenário, contrastado com instituições de formação amplamente voltadas para o fazer extensionista, rapidamente inaugurou uma crise de caráter multiforme na Economia Doméstica brasileira. A partir dos anos 1980, observa-se o agravamento dessa crise, resultando em sucessivos encerramentos de oferta do curso em Economia Doméstica e perda gradual dos espaços sócio ocupacionais (AMARAL JUNIOR, 2013). Paradoxalmente, conforme aponta Simão (2016), é também um período de grandes conquistas acadêmicas para a área, com o reconhecimento legal dos cursos ofertados, e posterior implantação da *Oikos - Revista Brasileira de Economia Doméstica*, em 1981, e do Programa de Pós-Graduação em Economia Doméstica na Universidade Federal de Viçosa (UFV), em 1992. Embora o autor argumente que esse “alargamento” é resultado direto da formação diversificada do corpo docente responsável pelos cursos, demonstramos⁴ em outro trabalho como esse processo é mais sintomático de uma crise de legitimidade, do que necessariamente uma reconstrução da área segundo novas premissas.

Esse período de “alargamento acadêmico” coincide com um agravamento da crise que assolava a Economia Doméstica. Dessa forma, o olhar cuidadoso para os elementos históricos que auxiliam na reconstrução desse quadro social geral é importante para a compreensão de como a área se desenvolveu, respondeu às pressões de ordem diversa, se consolidou e se

⁴ Amaral Junior, 2020b.

diversificou. Nesse sentido, a *Oikos*, enquanto publicação nacional específica e de caráter científico, ajuda a apreender também de forma mais detalhada, enquanto um estrato da memória institucional, como a Economia Doméstica se desenvolveu como uma proposta científica, herdeira direta do modelo estadunidense, mas enfrentando suas próprias questões em território brasileiro.

O objetivo desse artigo é, portanto, construir uma análise histórica das publicações científicas da *Oikos*, apreendendo as dinâmicas de sua constituição e da construção da Economia Doméstica enquanto área de conhecimento e proposta científica. Parte-se do pressuposto que, pela demarcação temporal e importância para a área do conhecimento, a Revista *Oikos* tenha se tornado importante instrumento institucional e, ao mesmo tempo, parte salutar da memória da Economia Doméstica no Brasil.

MÉTODO

A orientação metodológica do estudo seguiu as premissas do materialismo histórico-dialético, compreendendo que as fontes utilizadas correspondem a momentos históricos e sociais específicos que não podem ser entendidos fora de seu tempo. Assim, é importante compreender como os elementos analisados se relacionavam com a totalidade social da época, bem como a quais contingências históricas correspondem.

Para tratamento das fontes, constituída pelas edições da *Oikos* publicadas de 1981 a 2021, o método empregado é o de categorização e análise utilizado em Amaral Junior (2020a), procedendo com um exercício comparativo. Naquele estudo, analisamos a constituição da Economia Doméstica nos EUA no período de 1841 a 1950, abarcando mais de cem anos de publicações da área disponibilizadas no arquivo digital da *Cornell University*, em um projeto intitulado *HEARTH (Home Economics Archive: Research, Tradition, History)*. Utilizamos, portanto, um método de categorização e análise baseado na constituição multiforme da proposta de Economia Doméstica, entendendo que sua formação tardia no campo das ciências sociais aplicadas designava um agrupamento técnico-científico do desenvolvimento de distintas áreas do conhecimento, tendendo à prevalência e domínio de uma ou outra, ou conseqüente dispersão, conforme os estágios de desenvolvimento científico e nuances ideológicas de cada momento.

Dessa maneira, utilizamos um sistema de classificação parecido com o do estudo anterior, com algumas adaptações. Foram criadas oito categorias gerais, a saber: Alimentação e Nutrição; Economia Familiar; Vestuário e Têxteis; Habitação e Planejamento de Interiores;

Desenvolvimento Humano e Social; Agricultura e Extensão Rural; Políticas Públicas; e Outros. Respeitando a orientação metodológica, tais categorias foram criadas *a posteriori*, a partir da impressão inicial da primeira análise feita dos artigos. Dessa maneira, três momentos constituíram a análise dos artigos: o primeiro deles como um exercício de reconhecimento, para compreender quais as classificações e categorizações eram possíveis; o segundo para apreender as constâncias e rupturas históricas, buscando entender as “durações”⁵ observadas a partir do acervo de publicações; e terceiro, a classificação e análise segundo os resultados obtidos com os momentos anteriores.

Sabe-se que toda categorização tende à normatividade e pode sucumbir ao engessamento analítico, sobretudo sem considerar os desvios como indicadores importantes. Por isso, os artigos foram classificados segundo a maior área de proximidade, ou conjunto de disciplinas internas próprio do corpo da Economia Doméstica, a partir do qual se orientavam à prática. Por exemplo, artigos sobre divisão sexual do trabalho foram categorizados em Economia Familiar, e aqueles de ergonomia foram ora categorizados como Habitação e Planejamento de Interiores, ora como Vestuário e Têxteis, dependendo da aplicabilidade desenvolvida no artigo. Essa classificação obedece à sistemática de uma ciência social aplicada, cujos conteúdos apreendidos de campos disciplinares são aglutinados e orientados a áreas de intervenção pré-estabelecidas em torno de um objeto comum.

Os artigos foram, portanto, categorizados por número absoluto, para apreender os movimentos de condensação e dispersão segundo áreas específicas de conhecimento e analisar esses processos à luz do movimento histórico particular da Economia Doméstica. Pela característica atípica do campo no Brasil, incluindo aí sua única publicação de caráter nacional, a análise foi realizada também em comparação com os dados obtidos no estudo de 2020, para a realidade dos EUA.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Para o período descrito de quatro décadas, foram categorizados 488 artigos, uma média de publicação de 12 artigos por ano. A *Oikos* frequentemente publica dois números anuais, com exceção para alguns anos em que publicou apenas um número por ano (em especial o período entre 1990 e 2001), e outros em que publicou três números ou suplementos.

⁵ Fazendo aqui alusão ao conceito de Braudel (1965), para o qual a história deve ser apreendida em seus movimentos de curta, média e longa duração, que apesar de poder abranger uma determinada periodização e cronologia, não necessariamente se atém à datação como determinante de análise.

A categoria Desenvolvimento Humano e Social foi a que apresentou maior número de artigos para todo o período, somando 116 publicações. Importante ressaltar que essa categoria abrange tanto os artigos mais direcionados à saúde e bem-estar, quanto aqueles ligados à puericultura, educação infantil, cuidados familiares, estudos sobre velhice, envelhecimento e longevidade. Em seguida apareceu a categoria Economia Familiar com um total de 100 artigos publicados. Essa, por sua vez, abrange uma série de artigos mais generalistas que versam sobre divisão sexual do trabalho, uso do tempo, processos de tomada de decisão, trabalho e renda, educação do consumidor e consumo etc. Em terceiro lugar apareceu a categoria Alimentação e Nutrição com 80 artigos, seguida por Políticas Públicas, com 55 artigos; Outros, com 44; Habitação e Planejamento de Interiores, com um total de 36 publicações; Agricultura e Extensão Rural, com 31; e Vestuário e Têxteis, com 26.

Esse primeiro contato com a categorização demonstra que a produção histórica da Revista *Oikos* destoa, a princípio, do observado para as publicações nos EUA, cuja concentração massiva ocorreu primeiro em torno dos conhecimentos de Alimentação e Nutrição e Habitação e Planejamento de Interiores (AMARAL JUNIOR, 2020a). O tempo histórico que separa as duas realidades auxilia a entender esse afastamento, na medida em que a nascente Economia Doméstica estadunidense se difundia principalmente por meio de manuais e revistas pouco formais, de caráter mais instrutivo e de aplicabilidade imediata - daí a centralidade de dicas e orientações de decoração e cocção, por exemplo (Op. cit.). A *Oikos*, por sua vez, foi fundada em um contexto em que tanto a Economia Doméstica já possuía ampla trajetória mundial, quanto já tinha disponível considerável acúmulo acadêmico no Brasil.

As publicações em Vestuário e Têxteis eram significativamente mais presentes também no contexto dos EUA, constituindo já na virada do século XX o terceiro maior grupo de assunto abordado, demonstrando que a Economia Doméstica estadunidense foi erigida a partir da tríade Alimentação e Nutrição/Habitação e Planejamento de Interiores/Vestuário e Têxteis (Op. cit.). No escopo de produções da *Oikos*, não só as publicações sobre Vestuário e Têxteis aparecem com menor frequência, como aquelas das categorias de Alimentação e Nutrição e Habitação e Planejamento de Interiores aparecem, no quadro geral, como secundárias.

É preciso, no entanto, olhar para os dados levantados com um pouco mais de precisão histórica. É Hobsbawm (2016; 2018a; 2018b) quem demonstra que os fenômenos devem ser analisados e localizados na história segundo suas conexões e relações objetivas mais estreitas, superando a arbitrariedade clássica de periodizações estanques. Poderíamos ter optado por uma análise puramente generalista, ou ainda escolhido uma periodização analítica por décadas, por exemplo. Mas a objetividade dos dados nos conduziu a uma outra

classificação, baseada nas continuidades e rupturas da natureza dos artigos publicados no periódico, identificadas após o segundo momento de análise.

Foi possível perceber então três momentos históricos em relação aos artigos publicados na Oikos: um primeiro entre 1981 e 1993, seguindo por um período que se inicia em 1994 e finda em 2002, e um terceiro de 2003 até os dias atuais. Compreender esses três momentos nos auxilia a entender os elementos centrais da produção científica da revista - e consequentemente as orientações gerais da Economia Doméstica no Brasil a partir dos anos 1980.

Período “clássico” (1981-1993)

Nesse período, que parece ter durado pouco mais de 10 anos, observa-se um agrupamento dos artigos publicados na Oikos por categoria que se assemelha muito ao modelo “clássico” da Economia Doméstica estadunidense. Esse período clássico nos EUA corresponde ao adensamento gradual que se estendeu desde 1841 até o início do século XX, aproximando a área tanto da extensão rural como de uma abordagem mais relacionada às artes mecânicas (AMARAL JUNIOR, 2020a).

A Revista Oikos publicou nesse intervalo um total de 84 artigos, dos quais 40 podem ser categorizados na área de Alimentação e Nutrição. A segunda categoria mais frequente para o período foi a Desenvolvimento Humano e Social, com 11 artigos, seguida por Economia Familiar e Habitação e Planejamento de Interiores, ambas com 10 artigos. Esses dados demonstram que, nesse primeiro período, houve uma considerável concentração das publicações em torno de uma mesma área disciplinar, prevalecendo os componentes técnicos da área dos estudos alimentares e nutricionais.

Importante lembrar que a Economia Doméstica sempre esteve mais próxima das ciências biológicas e agrárias do que das ciências sociais (RIBEIRO, 2010). Essa é uma herança basicamente já do formato *Home Economics*, em que prevalecem elementos da engenharia química e sanitária e biologia, ideologicamente atreladas à eugenia (AMARAL JUNIOR; ALVES, 2020). Além disso, considerando-se que o modelo brasileiro esteve inicialmente amplamente focado na extensão rural, e que conforme demonstra Rodrigues (1997) e Fonseca (1985), ficava a cargo da “educação doméstica” a mudança de hábitos de consumo alimentares, fica mais clara a conexão com a categoria. Apesar disso, é preciso pontuar o paradoxo que se constitui a prevalência de publicações desse teor, sobretudo ao se considerar que as décadas de 1980 e 1990 são marcadas por disputas de espaços sócio

ocupacionais com outras profissões que se popularizavam no Brasil, como a Nutrição (SIMÃO, 2016; AMARAL JUNIOR, 2013; 2020a).

Esse primeiro período demonstra que, embora tivesse décadas de distância da *Home Economics* clássica estadunidense, a Revista Oikos demonstrou uma tendência parecida, buscando constituir-se ciência mais pela proximidade com as ciências biológicas do que com as ciências sociais. Essa “herança”, que remete tanto à origem extensionista, quanto ao hibridismo do modelo brasileiro, retarda uma aproximação com as ciências sociais, que ocorreu apenas mais tarde em um cenário de agudização da crise para a área (AMARAL JUNIOR, 2020a).

Analisar as publicações por essa construção histórica possibilita perceber que, embora os artigos publicados sobre Alimentação e Nutrição representem apenas o terceiro maior número absoluto em quarenta anos de publicação, eles foram substancialmente relevantes para o primeiro momento de existência do periódico, constituindo sua espinha dorsal. Para a realidade estadunidense parece ter ocorrido movimento similar, no entanto, observa-se um maior equilíbrio com outros componentes de natureza técnica, como aqueles das áreas de habitação e planejamento de interiores, e vestuário e têxteis.

Período de dispersão (1994-2002)

Após o ano de 1993, a Revista Oikos parece ter vivenciado um período de dispersão da concentração anteriormente observada. Foram publicados 59 artigos nesse intervalo, em que a maior prevalência corresponde a 14 na categoria Desenvolvimento Humano e Social. Esse período parece ter sido marcado por uma distribuição mais ou menos igualitária entre as categorias. Foi também nesse período em que o menor número de revistas foi publicado, coincidindo com o maior intervalo histórico em que apenas um volume anual foi lançado.

Os anos 1990 representam para a Economia Doméstica brasileira o que os anos 1940 representaram para sua antecessora estadunidense. No geral, a marca principal desse momento está na perda de relevância das áreas técnicas que orbitavam a proposta da Economia Doméstica, que lenta e gradualmente foram drenadas por campos do saber e nichos da educação formal mais especializados (AMARAL JUNIOR, 2013). No Brasil, houve ainda o agravamento de, acumulando quarenta anos de existência, a Economia Doméstica ter se estabelecido majoritariamente pelo ensino formal em um mercado altamente credencialista, minando os espaços sócio ocupacionais disponíveis (Op. cit.).

Os artigos de Alimentação e Nutrição, por exemplo, que eram 40 no período anterior, perfazendo quase 50% do total de publicações da Revista, foram reduzidos para 10 no período subsequente. Esse esvaziamento também ocorreu nos EUA, que já na década de 1920 registrava um decréscimo considerável no número de publicações da área, sobretudo pautadas a essa altura em trabalhos mais genéricos sobre família e bem-estar social (AMARAL JUNIOR, 2020a). O cenário estadunidense pós-Segunda Guerra era caótico para a Economia Doméstica, que se encontrou em uma realidade social que substancialmente modificava a sua sentença (DYAS, 2014). Para ilustrar, a partir dos anos 1950, apenas duas publicações são catalogadas anualmente pelo projeto HEARTH, contrastando com o alto volume registrado para as primeiras décadas do século XX, em que eram contabilizadas mais de 100 por ano (AMARAL JUNIOR, 2020a).

No Brasil, a década de 1990 representa ainda um movimento de contradições para a Economia Doméstica, visto que o número de cursos superiores diminuiu de 11 para 05 no final da década de 1980, mesmo com avanços acadêmicos e científicos importantes, como o reconhecimento dos cursos superiores ofertados, a consolidação dos conselhos regionais e do conselho federal, a criação da *Oikos* e a abertura do primeiro programa de pós-graduação na área do país (AMARAL JUNIOR, 2013). Toda a década seria marcada, portanto, por um movimento contraditório de crise que é bem percebido pela tentativa de ampliar as políticas de privilégios que fossem eficazes em garantir reserva de mercado e legitimidade acadêmico-científica (AMARAL JUNIOR, 2020a). Ao que parece, a *Oikos* reflete o contexto geral dessas crise com a dispersão da alta concentração de artigos em torno da categoria Alimentação e Nutrição, na medida em que aparecem de forma mais frequente (07 publicações), sendo os artigos mais ligados às Políticas Públicas. Demonstra que é no decorrer dos anos 1990 que a Economia Doméstica passa a se inclinar mais às ciências sociais e a expandir a tradição micro analítica e técnica comumente utilizada. Antes do ano de 1994, nenhum artigo publicado pelo periódico pode ser considerado como pertencente a categoria Políticas Públicas, por exemplo, demonstrando que havia um foco maior nas relações domésticas consideradas a partir de um recorte teórico-metodológico específico.

Essa aproximação, conforme demonstra Simão (2016), ocorre também sob forte influência de uma diversificação de formação do quadro docente dos cursos de Economia Doméstica, que recebendo influência de diversas áreas (sociologia, educação, antropologia, engenharia etc.) em programas de mestrado e doutorado, passaram a influenciar também as produções endógenas. O autor demonstra como essa década foi marcada por um conflito geracional entre as docentes, contrapondo aquelas de formação mais tradicional, geralmente

nos EUA e em cursos “herdeiros” da Economia Doméstica (a essa altura já renomeados e reformulados), com aquelas cuja pós-graduação se deu em áreas disciplinares distintas. Se os estudos anteriores já apontavam para uma “consolidação da crise” brasileira da Economia Doméstica nas décadas 1980-1990, a análise da *Oikos* parece coadunar com essa leitura, demonstrando que cientificamente passou a lidar, nos anos 1990, com uma reestruturação de seus elementos.

Período de aproximação com as ciências sociais aplicadas (2003-Atual)

Foi a partir do ano de 2003 que a análise das publicações da *Oikos* indicou o início de um novo período, marcado pelo declínio definitivo de prevalência das áreas técnicas, pelo aumento dos artigos sobre Políticas Públicas e concentração dos artigos nas categorias Economia Familiar e Desenvolvimento Humano e Social.

Os artigos que versam sobre Desenvolvimento Humano somam 91 para o período, enquanto aqueles da área de Economia Familiar são contabilizados 83 vezes. Já os artigos que podem ser classificados como pertencentes à categoria Políticas Públicas somam 48 para o período analisado, com maior concentração a partir do ano de 2007.

Olhar para os dados em seu momento histórico, no entanto, exige certa cautela. Primeiro porque, como já demonstrado anteriormente, a partir dos anos 1990 a Economia Doméstica brasileira passou a vivenciar um agravamento de sua crise, formada a partir de uma complexa junção de fatores, como a reorientação ideológica da extensão rural, a superespecialização das áreas formais de conhecimento, a supressão dos espaços sócio ocupacionais, a diversificação de formação do quadro docente e a crescente popularização do ensino superior. Importante ressaltar que a situação das mulheres no ensino superior brasileiro foi significativamente alterada nos anos 1990, com a superação do “hiato de gênero”, a partir do qual as mulheres passaram a ser maioria no ensino superior, embora ainda optando por cursos e carreiras “vocacionalistas” (AMARAL JUNIOR; BARBOSA, 2016). Essa diversificação de possibilidades sem necessariamente romper com a ligação feminino-doméstico, ao contrário de promover um aumento da procura pela Economia Doméstica, dispersou a inserção feminina para outra gama de cursos e carreiras mercadologicamente mais atrativas, como enfermagem, serviço social, nutrição, licenciaturas e afins (Op. cit). Sem incorrer no erro de argumentar que somente esses fatores resultaram em uma queda drástica na procura pelo curso, mas compreendendo que eles representaram agravantes importantes, fica mais claro o cenário de desafios que se apresentaram.

É preciso considerar ainda que no fim dos anos 1980 o Brasil passou pelo processo de redemocratização, com promulgação da Constituição Federal de 1988 que resultou, na década seguinte, em um intenso debate público e de construção de agendas das Políticas Públicas. Esse cenário, cuja consolidação começa a ser percebida de forma mais contundente a partir dos anos 2000, pode ajudar a explicar a guinada mais acelerada na direção do interesse da Economia Doméstica pela categoria, como um movimento de atualização de suas discussões e de renovação de seu quadro de objetos. Mas é necessário ainda pontuar a forma como, no Brasil, a área parece se aproximar das outras ciências humanas e sociais.

Nos EUA, desde os anos 1950 o que se observava era um desencorajamento frequente da Economia Doméstica, em que era mais comum o encerramento abrupto de oferta dos cursos, salvo em instituições mais tradicionais – geralmente herdeiras dos *Land-Grant Colleges* – em que ocorria uma “transformação” (AMARAL JUNIOR, 2020a). Usualmente esses cursos se associaram, como demonstra a *American Association of Family and Consumer Sciences* (AAFCS, 2019), aos estudos de consumo ou desenvolvimento humano, assumindo nomenclaturas como *Consumer Sciences* e *Human Ecology*. No Brasil, ao que parece, embora o fechamento abrupto de oferta dos cursos tenha também ocorrido a partir dos anos 1980, foi possível observar um outro padrão de prevalência da área. Dos cinco cursos de Economia Doméstica que ainda eram ofertados no país desde os anos 1990, três rearranjaram suas estruturas físico-docentes para passar a ofertar a formação em Serviço Social. Esses dados demonstram que, diferentemente do que ocorreu com a antecessora estadunidense, a Economia Doméstica brasileira se aproximou mais de elementos que orbitavam as ciências sociais aplicadas pela via das políticas públicas.

Mas essa aproximação também não foi ocasional. Como já demonstrado em Amaral Junior (2021), Serviço Social e Economia Doméstica coexistiram no cenário nacional como “duas faces de uma mesma moeda”, com considerável concentração daquela no contexto do proletariado-urbano, e direcionamento focalizado dessa para o rural. Isso explica porque, mesmo com forte institucionalização do Serviço Social no Brasil a partir dos anos 1940⁶, os cursos de Economia Doméstica foram abertos às pressas sob a demanda extensionista, reproduzindo a lógica estadunidense de intervenção a partir dos *Land-Grant Colleges*, segundo um conteúdo mais técnico e ligado às ciências agrárias e biológicas. Mesmo lidando com distintas conformações daquilo que se chama no Serviço Social de “expressões da questão social”, os dois campos permaneceram historicamente apartados até os anos 1980, a partir de onde passaram a ter uma aproximação mais aguda. Dois eventos centrais marcam esse

⁶ Sobre isso, ver Iamamoto e Carvalho (2014), Netto (2011) e Montañó (2009).

cenário de conexão: a reordenação do Serviço Social em torno daquilo que se convencionou chamar “Movimento de Intenção de Ruptura”⁷, que promoveu um intenso debate teórico-metodológico sobre a formação e profissão, alterando também a disponibilidade dos espaços sócio ocupacionais; e o processo de redemocratização do país, cujo remodelamento nas mãos de governos neoliberais fez erigir uma era de intensos debates em torno da intervenção estatal, na medida em que desarticulou também modelos previamente estabelecidos de atuação do Estado. Entre eles a extensão rural, intensamente desmontada pelas agendas que se seguiram nos anos 1990 (SEPULCRI; PAULA, 2008).

Esse cenário significou não só uma busca generalizada da Economia Doméstica em reavaliar seu objeto com maior ênfase na totalidade dos fenômenos sociais, como no caso brasileiro resultou em uma aproximação específica com o Serviço Social, tanto nos espaços sócio ocupacionais, como academicamente. Mesmo que esse movimento não tenha sido suficiente para estancar o processo de extinção dos cursos em Economia Doméstica, remodelou sua existência enquanto área de conhecimento, reordenando sua contribuição histórica no campo científico. Esse terceiro período de publicações da *Oikos*, que se entende até os dias atuais, ilustra esse movimento.

MEMÓRIA E HISTÓRIA

O movimento de análise histórica a partir dos artigos publicados na *Oikos* nos auxilia a reconstruir uma memória institucional, ajudando a compreender como se deu o desenvolvimento do periódico. Na medida em que procedemos com a análise, lidando com elementos mnemônicos cristalizados em formato de publicação, lidamos necessariamente com o desafio do fazer historiográfico.

Nessa perspectiva, memória e história não podem ser confundidas. Enquanto a memória se apresenta como uma rica fonte que pode ser apreendida de diversas maneiras, o fazer historiográfico se difere dela pelo rigor metodológico, que exige do historiador habilidade para identificar inconsistências, ausências, falseabilidade (LE GOFF, 2013). Ao tratar uma fonte, é preciso ter cuidado para aquilo que, nos termos de Pollak (1989), são indícios de uma memória enquadrada, seja pelo ato forjado ou pelo silêncio em si.

Sobre a Economia Doméstica no geral, essa discussão está apresentada em Amaral Junior (2020a). Foi possível identificar algumas das lacunas construídas em torno da “memória oficial” da área, que ao mesmo tempo em que garantiam sua perenidade, endossavam os

⁷ Netto (2018).

elementos contraditórios de sua existência. Entender a *Oikos* em uma perspectiva histórica requer, portanto, duas considerações: a de que o periódico consolida uma parte da memória institucional do que foi e ainda é a Economia Doméstica no Brasil; e que construir a trajetória histórica da área demanda, necessariamente, olhar com atenção para os vestígios de memória disponíveis.

Os três períodos identificados a partir da análise dos artigos publicados no periódico são importantes elementos da memória institucional que, à luz das outras evidências e pesquisas disponíveis, auxiliam a enriquecer a leitura da trajetória histórica da Economia Doméstica no Brasil, que conforme demonstrado em Amaral Junior (2020b) é marcada por esvaziamentos e leituras idealizadas. Nessa perspectiva, por exemplo, os depoimentos trabalhados por Simão (2016) podem ser compreendidos sob uma nova abordagem, em que a Revista *Oikos* aparece como elemento histórico de importante caráter instrumental para a consolidação acadêmica da Economia Doméstica na crise pós-1980. Cujos rumos, no entanto, extrapolam a estratégia de divulgação científica e, influenciada pelos fenômenos sociais de ordem diversa, fazem a Revista caminhar e se atualizar para além da Economia Doméstica.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Embora tenhamos optado por uma análise ora comparativa, ora subordinada à trajetória da Economia Doméstica no Brasil, é importante destacar que esse artigo buscou, em primeiro lugar, olhar historicamente para a Revista *Oikos* sob uma perspectiva de sua constituição enquanto elemento de memória. E como tal, está inevitavelmente abarcada pelo refluxo mnemônico em que os elementos do passado são ressignificados a partir de uma leitura do presente. Analisar artigos publicados em quatro décadas não permite, de forma precisa e com riqueza de detalhes, reconstruir o momento social em que foram escritos/aceitos/publicados e seus consequentes desdobramentos. O que se intentou construir nesse trabalho foi uma aproximação, por isso o esforço contínuo e repetido em reforçar todas as triangulações que se fizeram necessárias para que, saindo do puro movimento de elemento de memória, pudéssemos prosseguir com uma construção histórica.

Nesse sentido, foi possível perceber que a *Oikos*, historicamente, auxilia a compreender um movimento tardio da Economia Doméstica no Brasil, que embora se assemelha em diversos aspectos com aquele ocorrido nos EUA, apresenta também características próprias do contexto em que se desenvolveu. Pode-se perceber mais ou menos três períodos em que os artigos analisados apresentam “tendências em comum”, que auxiliam a entender quarenta anos

de publicações científicas que, sob uma perspectiva leiga, podem ser avaliados como estranhamente variados. Os artigos do periódico não só mantiveram a classificação usualmente adotada pela Economia Doméstica estadunidense, como em um primeiro período demonstraram tendência similar à antecessora. Concentraram-se inicialmente em torno de componentes técnicos, sobretudo atrelados às ciências biológicas, como a Nutrição. Em um segundo período, acompanhando também uma certa tendência estadunidense, os conteúdos técnicos passam para uma posição mais secundária, dispersando-se. Há então uma lenta e gradual concentração em torno daquelas áreas disciplinares que se apresentavam como mais “teóricas”, aproximando as produções das ciências sociais e sociais aplicadas, especialmente na perspectiva da psicologia, sociologia, antropologia, administração e economia. Desse segundo período resulta um terceiro que, erigindo de um contexto social específico, encontra condições objetivas favoráveis para que as publicações do periódico assumam uma perspectiva mais macrossocial, adentrando o campo das políticas públicas e promovendo discussões teóricas a partir de um outro lugar teórico-metodológico.

A Revista Oikos, intitulada em 2018 “Família e Sociedade em Debate” no lugar de “Revista Brasileira de Economia Doméstica”, ilustra bem esse movimento do fluxo da totalidade, representando o reordenamento de toda uma área do conhecimento que, para além da oferta dos cursos superiores, se consolidou no país. Esse movimento auxilia a compreender como as instituições pedagógicas se alteram, modificando suas formas objetivas sem necessariamente se extinguirem. A Oikos representa, em grande medida, essa alteração da Economia Doméstica brasileira pós-Economia Doméstica, demonstrando a sensibilidade e pertinência para novos olhares, novos temas e novos desafios. Apenas o curso da história e os próximos 40 anos dirão os desdobramentos do presente.

REFERÊNCIAS

AMARAL JUNIOR, J. C. **A Pedagogia do Doméstico: uma memória apreendida da síntese dialética entre Economia Doméstica e Extensão Rural**. Tese (Doutorado em Memória: Linguagem e Sociedade), Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Vitória da Conquista, Bahia, 2020a.

AMARAL JUNIOR, J. C. Economia Doméstica e Serviço Social: análise das contingências históricas de uma aproximação. **Serviço Social em Perspectiva**, v. 5, n. 1, p. 179–193, 2021.

AMARAL JUNIOR, J. C. Educação para mulheres: análise histórica dos ensinamentos de Economia Doméstica no Brasil. **Revista HISTEDBR Online**, n. 52, 2013.

AMARAL JUNIOR, J. C.; BARBOSA, F. B. **Mulheres, ensino superior e políticas públicas: um panorama da (des)construção das desigualdades**. 1. ed. São Paulo: PerSe, 2016.

AMARAL JUNIOR, J. C.; ALVES, A. E. S. Elle Richards e as “Ciências Domésticas”: elementos para a compreensão da proposta científica de Economia Doméstica. *Intelligere*, v. 9, p. 230–251, 2020b.

AMARAL JUNIOR, J. C. Três teses sobre a Economia Doméstica no Brasil: elementos para uma representação histórica. *Cadernos de História*, v. 21, n. 35, p. 73, 2020c.

AMERICAN ASSOCIATION OF FAMILY AND CONSUMER SCIENCES. **AAFCS Brand History**. 2019.

BRAUDEL, F. História e Ciências Sociais. Longa Duração. *Revista de História*, v. XXX, n. 62, 1965.

CURY, C. R. J. **Educação e contradição**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 1989.

DYAS, Brie. Who killed Home Ec? Here’s the real story behind its demise. **The Huffington Post**, 2014. Disponível em: <https://www.huffpostbrasil.com/2014/09/29/home-ec-classes_n_5882830.html>. Acesso em: 8 jun. 2019.

FONSECA, M. T. L. **A extensão rural no Brasil, um projeto educativo para o capital**. São Paulo: Edições Loyola, 1985.

HOBSBAWN, E. **A era das revoluções (1789-1848)**. 37. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2016.

HOBSBAWN, E. **A era do capital (1848-1875)**. 28. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2018a.

HOBSBAWN, E. **A era dos impérios (1875-1914)**. 25. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2018b.

IAMAMOTO, M.; CARVALHO, R. **Relações sociais e o Serviço Social no Brasil - esboço de uma interpretação histórico-crítica**. 41. ed. São Paulo: Cortez, 2014.

LE GOFF, J. **Memória e história**. 7. ed. Campinas, SP: Editora UNICAMP, 2013.

LOPES, M. F. **O Sorriso da Paineira: construção de gênero em uma Universidade Rural**. Tese (Doutorado em Antropologia Social), Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1995.

MONTAÑO, C. **A natureza do Serviço Social**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2009.

NETTO, J. P. **Capitalismo monopolista e Serviço Social**. 8. ed. São Paulo: Cortez, 2011.

NETTO, J. P. **Ditadura e Serviço Serviço Social - uma análise do Serviço Social no Brasil pós-64**. 17. ed. São Paulo: Cortez Editora, 2018.

OLIVEIRA, A. C. M. Economia Doméstica: origem, desenvolvimento e campo de atuação profissional. *Vértices*, v. 8, n. 1, 2006.

PINHEIRO, C. F. **Estado, extensão rural e economia doméstica no Brasil (1948-1974)**. Dissertação (Mestrado em História), Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal Fluminense, Niterói-RJ, 2016.

POLLAK, M. Memória, esquecimento, silêncio. **Estudos Históricos**, v. 2, n. 3, p. 3–15, 1989.

RIBEIRO, M. G. M. A constituição das ciências humanas numa Universidade Rural. **ALEPH**, v. 14, p. 52–60, 2010.

RODRIGUES, C. M. Conceito de seletividade de políticas públicas e sua aplicação no contexto da política de extensão rural no Brasil. **Cadernos de Ciências e Tecnologia**, v. 14, n. 1, 1997.

SEPULCRI, O.; PAULA, N. M. O Estado e seus impactos na EMATER-PR. **Revista Paranaense de Desenvolvimento**, n. 114, p. 87–110, 2008.

SIMÃO, F. L. R. **Ser mulher, “uma missão”: Escola Superior de Ciências Domésticas, domesticidade, discurso e representações de gênero (1948-1992)**. Tese (Doutorado em História), Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, MG, 2016.